

VERBOS DENOMINAIS E A RELAÇÃO SINCRÔNICA COM OS SUBSTANTIVOS FORMADORES: DESCRIÇÕES¹

Indaiá de Santana Bassani²

bassani@usp.br

RESUMO: Em geral, quando um verbo é formado a partir de um substantivo, assume-se que o significado desse substantivo continua disponível na interpretação do verbo formado. Entretanto, não é o que se verifica quando analisamos uma amostra de verbos denominais em seu uso sincrônico. No presente trabalho, constatamos que os verbos denominais mantêm diferentes relações com os substantivos que os formaram, ou seja, não são uma classe homogênea. Por meio da identificação da estrutura argumental do verbo e da identificação de suas partes morfológicas, em que há um substantivo presente, pudemos verificar se há, para o falante, uma ligação entre o significado do substantivo e o do verbo denominal. Concluímos que uma parte desses verbos ainda mantêm uma relação forte com o substantivo que o formou. Outros, ainda, podem ter duas interpretações, uma em que mantêm a relação de significado com o substantivo formador e outra em que essa relação não mais existe. Por fim, uma parte dos verbos não apresenta mais relação de significado com o substantivo formador na sincronia. No presente trabalho, de natureza descritiva, não sugeriremos análises formais para os fatos verificados. No entanto, sabemos que uma alternativa interessante é apresentada no modelo da Morfologia Distribuída (Hale & Marantz, 1993), um dos desenvolvimentos da Teoria Gerativa. Nesse modelo, há propostas interessantes para diferenciar estruturalmente tipos de formação de palavras (Marantz, 2001; Arad, 2003; Marantz, a sair) . É possível reconhecer sincronicamente palavras deadjetivais, denominais e deverbais e distingui-las de palavras formadas diretamente de uma raiz sem categoria.

PALAVRAS-CHAVE: Morfossintaxe; Semântica, Verbos Denominais; Derivação Sincrônica.

INTRODUÇÃO

Em geral, quando um verbo é formado a partir de um substantivo, assume-se que o significado desse substantivo continua disponível na interpretação do verbo derivado.

¹ Agradeço à FAPESP pelo financiamento concedido a minha pesquisa de mestrado, da qual o presente artigo é parte. Processo FAPESP n° 07/02304-6.

² Pós-graduação - Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (DL/FFLCH-USP).

Entretanto, não é o que se verifica quando analisamos uma amostra de verbos denominais em seu uso sincrônico.

Neste trabalho, analisamos uma amostra de 98 verbos denominais retirados do dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa com o objetivo de descobrir que tipos de relações podem se estabelecer entre os substantivos e os verbos denominais.

Por meio da identificação da estrutura argumental do verbo e da identificação de suas partes morfológicas, em que há um substantivo presente, podemos verificar se há, para o falante, uma ligação entre o significado do substantivo e o significado do verbo denominal.

Nossos resultados mostram que uma parte dos verbos ainda mantém uma relação forte com o substantivo que o formou. Outros, ainda, podem ter duas interpretações, uma em que mantém a relação de significado com o substantivo formador e outra em que essa relação não mais existe. Por fim, uma parte dos verbos não apresenta mais relação de significado na sincronia com o substantivo formador.

1. VERBOS DENOMINAIS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

Assume-se que uma palavra é denominal quando é derivada a partir de um nome pertencente à categoria de substantivo³. Logo, o verbo denominal é aquele que se forma a partir da junção de afixos “verbalizadores” a um substantivo. A Gramática Normativa (Bechara, 2002) aponta I e II como características gerais dos Verbos Denominais (Doravante, VDs) no Português do Brasil (PB):

I. São formados por derivação sufixal (substantivo + sufixo):

- a. *perfume + -ar > perfumar*
- b. *esquema + -izar > esquematizar*
- c. *salto + -itar > saltitar*

II. São formados por derivação parassintética (prefixo + substantivo + sufixo):

³ Apesar de alguns autores usarem o título de denominal para verbos derivados tanto de substantivos como de adjetivos, manteremos a denominação de adjetival para aqueles que derivam de adjetivos e denominal para aqueles que derivam de substantivos.

- a. *en-+tarde+-ecer > entardecer*
- b. *en-+caixote+-ar > encaixotar*
- c. *a-+conselho+-ar > aconselhar*

Como visto, os VDs podem ser divididos em duas classes morfológicas, os de formação sufixal e os de derivação parassintética. Contudo, esses verbos podem mostrar maior heterogeneidade quanto ao tipo de relação que mantém com os substantivos que os formaram. Em princípio, o significado dos substantivos que formam os VDs deve estar disponível na interpretação dos verbos formados, mas, com o uso ao longo do tempo, os verbos podem apresentar maior ou menor relação de significado com os substantivos formadores.

Quando o substantivo e o verbo não apresentam mais relação de significado, é comum tratar esse distanciamento, um tipo de fenômeno lingüístico, como um processo metafórico.

Entretanto, há maneiras mais formais de identificar e classificar esse fenômeno. É o que tentaremos fazer neste trabalho. Analisaremos 98 verbos selecionados de uma amostra de dicionário. Os critérios de seleção dos dados são os seguintes:

- Ser verbo
- Ter especificado no item etimologia, no mínimo [verbe + sufixo]
- Ter nesse verbe uma única acepção de substantivo.

Analisamos os seguintes verbos: *estudar, avaliar, enfrentar, analisar, complementar, acreditar, alimentar, causar, aproveitar, desejar, testar, enfeitiçar, engavetar, engarrafar, empacotar, encurralar, martelar, agulhar, escovar, cristalizar, assustar, rodar, brincar, beneficiar, colar, aprimorar, arrumar, casar, praticar, lidar, faltar, criticar, implementar, relatar, encarar, gerenciar, caminhar, agrupar, misturar, veicular, arcar, resgatar, subsidiar, processar, valorizar, arriscar, apontar, forçar, pesquisar, armazenar, economizar, interessar, ingressar, programar, influenciar, fechar, somar, concentrar, apostar, sinalizar, suplementar, almoçar, evidenciar, rastrear, amanhecer, traçar, capturar, desfrutar, modelar, adiar, movimentar, cadastrar, incrementar, providenciar, favorecer, focar, registrar, regulamentar, embarcar, estrear, basear, pregar, abraçar, liderar, marcar, memorizar, agendar, privilegiar, auxiliar, depositar, sediar, copiar, acostumar, cruzar, acabar, listar, filtrar.*

Vejam na próxima seção os testes que Hale & Keyser (2002), (doravante H&K) sugerem para identificar estruturas argumentais que apresentam um substantivo no verbo complexo.

2. TESTES PARA IDENTIFICAÇÃO DE ESTRUTURA ARGUMENTAL DOS VERBOS DENOMINAIS

Na literatura relevante sobre VDs em uma perspectiva sincrônica, especialmente em H&K (2002), encontram-se testes bem justificados para a identificação de estruturas em que há um estágio nominal anterior na formação do verbo. Esses testes servirão como base para as avaliações dos dados do PB. De H&K (2002), utilizaremos os seguintes testes:

T1 - Alternância Causativo/Incoativa

VDs, em geral, não participam de Alternância causativo-incoativa. A maioria das formações que permite essa alternância configura verbos deadjetivais. Vejamos a agramaticalidade do provável VD *criticar* para essa alternância:

- (1) Lula criticou a seleção.
- (2) *A seleção criticou.

T2 - Alternância Média

Alguns VDs do tipo *location/locatum* tendem a permitir a alternância média. As estruturas deadjetivais também permitem essa alternância. Entretanto, outros tipos de VDs tendem a ficar estranhos.

- (3) Processo de cassação engaveta rapidinho
- (4) Cavalo manso sela rápido.
- (5) ?Seleção brasileira critica muito⁴.

T3 - Expressões perifrásticas com verbo leve + substantivo formador

⁴ Não houve consenso por parte dos falantes no julgamento dessa sentença. Alguns a consideraram gramatical enquanto outros a consideraram agramatical. Toda vez que não houver consenso nos julgamentos usaremos o símbolo “?” na frente da sentença.

Por possuírem em sua constituição interna um estágio nominal antes de ser categorizado por um núcleo verbal, os VDs podem ser parafraseados por um verbo leve e o substantivo que o formou.

- (6) O Lula fez uma crítica/críticas à seleção.

T4 - Ocorrência de Objeto Cognato

VDs do inglês, que são do tipo inergativo, possibilitam, em geral, a ocorrência de um objeto cognato na posição do substantivo formador. O mesmo acontece em português com o verbo *dançar*, por exemplo *Ela dançou uma dança esquisita*. Entretanto, em PB, há verbos transitivos que também podem possibilitar a ocorrência de objetos cognatos. Nesse sentido, verificamos que alguns VDs que não são inergativos podem ocorrer com Objetos Cognatos:

- (7) Eu copiei uma cópia ruim dos textos.
(8) ?O Lula criticou uma crítica construtiva à seleção.

T5 - Ocorrência de Adjunto Cognato

Em sentenças com VDs e adjuntos associados, o substantivo que formou o VD pode ser retomado de forma morfológicamente idêntica no adjunto.

- (9) Lula criticou a seleção com uma crítica construtiva.

T6 - Ocorrência de Adjuntos Hipônimos ou Hiperônimos (Metafóricos)

Em sentenças com VDs e adjuntos associados, o substantivo que formou o VD pode ser retomado por um substantivo semanticamente associado ao substantivo formador, mas não morfológicamente idêntico.

- (10) Lula criticou a seleção com um parecer negativo.

Expusemos acima uma breve apresentação dos testes que foram aplicados aos 98 verbos. Vejamos, na próxima seção, as generalizações e descrições a que chegamos.

3. COMO O SUBSTANTIVO SE RELACIONA COM O SUPOSTO VERBO DENOMINAL: RESULTADOS E GENERALIZAÇÕES

A partir dos testes, nota-se que é possível encontrar diferentes tipos de relação entre o verbo e o substantivo formador. Vejamos quais são essas classes.

3.1. TIPOS DE VERBOS QUANTO À RELAÇÃO COM O SUPOSTO SUBSTANTIVO FORMADOR

3.2. NENHUMA RELAÇÃO (NR)

Alguns verbos não mantêm em absoluto a relação com o substantivo formador. A esse tipo de verbo daremos a sigla NR (Nenhuma Relação).

Em nossa amostra, encontramos os verbos com os respectivos supostos substantivos relacionados: *arrumar (rumo)*, *lidar (lida)*, *adiar (dia)*, *casar (casa)*, *veicular (veículo)*, *fechar (fecho)*, *desfrutar (fruto)*, *acabar (cavo)*, *brincar (brinco)*, *rodar (roda)*, *arcar (arco)*. Vejamos alguns desses verbos:

- (11) A Paula arrumou a casa.
- (12) O grupo desfrutou a viagem.
- (13) A criança brincou com o amigo.

Comportamento frente aos testes estruturais

Veremos a seguir que a grande maioria dos testes gera sentenças agramaticais. Esse fato é esperado, pois os testes de identificação de VDs haveriam de falhar em casos em que não acreditamos mais existir uma interpretação denominal, como é o caso desse grupo de verbos. Entretanto, alguns testes funcionam para verbos específicos, vejamos.

Alternância Causativo-incoativa

- (14) *A casa arrumou.
- (15) *A viagem desfrutou.
- (16) *(Com o amigo) brincou.

Apenas dois verbos se comportam bem frente a esses testes:

- (17) A porta fechou.
- (18) Os eixos da máquina rodaram.

Fechar e *rodar* são verbos de alternância transitivo-intransitiva. Não iremos nos aprofundar aqui nos motivos que fazem com que esses verbos tenham essas características⁵. Para detalhes sobre a natureza alternante desses verbos, v. Kato, 1999, 2000; Bowers, 2002.

Alternância Média

- (19) ?Casa pequena arruma rápido.
- (20) *Viagem de fim de ano desfruta muito.
- (21) *(Com amigos) brinca fácil.
- (22) Porta sanfonada não fecha fácil.
- (23) Eixos pequenos rodam facilmente.
- (24) Notícia ruim veicula rápido.⁶

Expressões perifrásticas

- (25) *A Paula deu um rumo à casa.
- (26) *O grupo não fez fruto/fez desfrute da viagem.
- (27) * A criança fez (um) brinco com o amigo.

⁵ A predição de H&K diz que os VDs não participam, em geral, da alternância causativo-incoativa, entretanto, o fato de esses verbos, que são do tipo NR (não mais denominais em uma análise sincrônica), participarem da alternância causativo-incoativa não indica que eles não são denominais somente por esse teste. O teste revela estruturas não denominais, mas isso não quer dizer que todo verbo que se comporta mal frente a esse teste é denominal.

⁶ Novamente, o comportamento frente ao teste de alternância média é paralelo ao teste anterior. As três últimas sentenças desse grupo são gramaticais frente à alternância média, embora seus verbos não sejam do tipo *location/locatum*. Isso mostra que o teste não indica somente verbos denominais *location/locatum*, mas outros tipos de verbos, o que parece ser o caso de *fechar*, *rodar* e *veicular*. A partir das observações feitas nessa nota e na anterior, percebemos que os verbos denominais geralmente falham na participação desses dois testes, como esperado, porém, há verbos que se comportam mal frente a essas alternâncias e nem por isso são denominais.

Nota-se que, apesar de não haver paráfrase possível com nenhum dos supostos substantivos formadores, há paráfrases aceitáveis com as nominalizações desses verbos em alguns casos⁷.

(28) A criança fez uma brincadeira com o amigo.

Objetos cognatos

(29) *A Paula arrumou um rumo da casa.

(30) *O grupo não desfrutou um bom fruto da viagem./*O grupo desfrutou um desfrute da viagem.

(31) *A criança brincou um brinco com o amigo.

A agramaticalidade em todos os casos, só vem corroborar ainda mais a ausência desses substantivos na formação dos verbos.

Adjuntos Cognatos

(32) *A Paula arrumou a casa com um rumo certo.

(33) *O grupo não desfrutou a viagem com bons frutos./*O grupo desfrutou a viagem com um bom desfrute.

(34) *A criança brincou com o amigo com um brinco engraçado.

Vejamos que, novamente, como foi mostrado no teste de paráfrases, o substantivo não expressa mais relação semântica com o verbo. Contudo, nominalizações podem figurar como adjuntos cognatos. Esperamos o mesmo resultado no teste com Adjuntos metafóricos.

Adjuntos Metafóricos

(35) *A Paula arrumou a casa com um caminho caprichado.

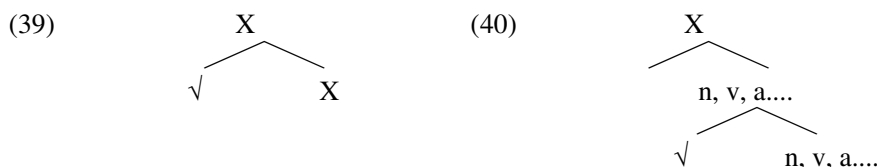
⁷ Percebemos que alguns verbos foram boas sentenças com nominalizações, como *brincar*, que não necessita de um estágio de formação em que se tenha o substantivo *brinco*, mas é completamente compatível com a nominalização *brincadeira*. Nesses casos, a nominalização já passou por um estágio verbal, e por isso a relação com o verbo. Não nos aprofundaremos nos detalhes desses fatos aqui.

- (36) *O grupo não desfrutou a viagem com bons resultados.
 (37) *A criança brincou com o amigo com um adereço engraçado.
 (38) A criança brincou com o amigo com um passatempo divertido.

O adjunto metafórico em que há um substantivo que compartilhe propriedades semânticas com o suposto substantivo formador não é possível na grande maioria dos casos. Mas, por outro lado, se o substantivo compartilhar propriedades com algo que é compatível com o verbo, como a nominalização de *brincar*, por exemplo, a presença do adjunto cognato é aceitável. Esse teste parece endossar os anteriores.

Conclusões sobre os verbos com NR

Concluimos que os dados com NR não devem compor estruturas com um estágio nominal com o suposto substantivo formador. Esses verbos possuem, muito provavelmente, formações simples, a partir da raiz. Nesses casos, a raiz é categorizada diretamente por um núcleo verbal, e não um substantivo. Arad (2003) chama atenção para a diferença entre esses dois tipos de formação: em (39) uma raiz é diretamente categorizada por um núcleo X, já em (40), a raiz já foi previamente categorizada por um a, n ou v, que se concatena com o núcleo X.



Nesse momento, não iremos nos preocupar com as análises formais para esses verbos, apesar de ser esse já um trabalho em desenvolvimento (Bassani, a sair).

3.2.1. RELAÇÃO DE DUAS INTERPRETAÇÕES (RDI):

Alguns verbos têm duas interpretações, uma em que mantém claramente uma relação com o substantivo formador e outra em que essa relação se perdeu. Indicaremos esses casos pela sigla **RDI (Relação de Duas Interpretações)**.

Na interpretação em que a relação entre verbo e substantivo se mantém, temos o que é chamado comumente de sentido denotativo (41) e, na interpretação em que a

relação se perdeu, podemos ter o que é chamado de sentido conotativo, o que seria considerado em um senso comum como metafórico (42).

(41) A costureira alfinetou o dedo

Expressão perifrástica: A costureira alfinetou/machucou o dedo com o alfinete.

(42) A inimiga alfinetou a rival com seus comentários.

Expressão perifrástica: A inimiga atingiu/incomodou a rival com seus comentários.

No entanto, mesmo dentro da classe de verbos que contém Dupla Interpretação, encontramos heterogeneidade. Aparentemente, há dois tipos de casos com **RDI**. O comportamento dos testes se mostra semelhante para aqueles verbos cujos substantivos formadores são circunstâncias de instrumento, espaço delimitado ou maneira e há outro comportamento para os verbos cujos substantivos formadores são substantivos concretos.

i. Duas interpretações com circunstâncias de instrumento, maneira e espaço delimitado (local).

Dentre os VDs, há uma subclasse formada por substantivos que denotam objetos concretos com função instrumental, de maneira e de espaço delimitado: *martelar, selar, escovar, empacotar, encurrular, engarrafar, engavetar*, entre outros.

Esses substantivos formam verbos que passam a constituir sentenças que permitem a adição de um sintagma preposicional revelador do instrumento utilizado, espaço delimitado ou um verbo que revela o modo de executar a ação expressa pelo verbo:

(43) O Pedro martelou os pregos com o martelo grande.

(44) O Pedro colocou os pregos martelando.

(45) O funcionário engarrafou os vinhos em garrafas de plástico.

(46) É um pecado selar os cavalos com sela apertada.

A interpretação do verbo passa pela interpretação de sua formação a partir do substantivo, retomado nos sintagmas preposicionais.

Nas sentenças acima, percebe-se que os sintagmas preposicionais adicionados têm, em sua estrutura, um substantivo modificado por um adjetivo, pois uma sentença com uma combinação do tipo “martelar com um martelo” soaria redundante. As mesmas exigências de formação de um objeto cognato se aplicam ao adjunto cognato. Assim, o primeiro uso seria uma interpretação estrita do VD.

Por outro lado, o que é inesperado de alguma forma, e muito interessante de outra, é a possibilidade de esses verbos figurarem em sentenças em que os substantivos que os não precisam ser parte do evento denotado pela sentença. Os sintagmas preposicionais em algumas das sentenças abaixo corroboram essa afirmação:

- (47) O caboclo martelou com uma picareta.
- (48) O funcionário engarrafou o vinho branco nos galões errados.
- (49) É um pecado selar o cavalo com um pedaço de couro velho.

Nos dados acima, mantém-se o modo/maneira da atividade que se tem em uma interpretação canônica, mas com outro tipo de instrumento, espaço delimitado. Isso pode indicar que o objeto que substitui o objeto canônico compartilha com ele de propriedades que o podem fazer figurar na mesma situação de instrumento daquela ação, deixando-a inalterada. Vejamos que não seria possível dizer que alguém vai *escovar os dentes com uma régua* ou *martelar com uma gelatina*.

Por outro lado, há sentenças que parecem ter uma natureza interpretativa diferente. Elas são formadas com alguns VDs, mas sem a presença do substantivo cognato ou do substantivo que compartilha de suas propriedades. Essas sentenças são conhecidas por sentenças metafóricas no senso mais comum⁸. No sentido de que a metáfora é o processo em que entendemos uma coisa em termos de outra, se entendemos o que é *encurralar*, por exemplo, entendemos o que é *estar encurralado* em qualquer situação, independentemente da presença do curral:

⁸ Estamos usando o termo metáfora com o sentido mais geral possível. Há uma extensa literatura sobre o tema que não iremos abordar neste trabalho (c.f. Lakoff & Johnson, 1980; Lakoff, 1987). Por isso, não pretendemos sugerir um tratamento para esse fenômeno.

- (50) Esses caminhões estão me encaixotando/Os motoristas estão me encaixotando
(com os caminhões)
- (51) O rapaz foi encurralado pela situação.
- (52) O supervisor engavetou (com aqueles gritos) os projetos dele, antes mesmo de
ele terminar de explicar.
- (53) A professora vive martelando aquela história de passar no vestibular (com
conversas tediosas).

No contexto da sentença em (50), em que o falante está no trânsito, dois caminhões se aproximam muito de seu carro, fazendo com que ele se sinta em uma posição que lembra uma caixa/caixote. Não há caixa “real” na situação de fala e nenhum ouvinte que estivesse fora ou dentro do contexto iria interpretar como se o falante realmente estivesse dentro de uma caixa por dois motivos: seres humanos não são usualmente colocados em caixas e caminhões não podem ser agentes dessa ação. Como o uso é metafórico, esses aspectos que corroborariam a interpretação estrita são minimizados e os aspectos relevantes, como a posição em forma de caixa em que os caminhões se colocam, são ressaltados.

Na sentença (51), certamente não há *curral* nenhum na situação. O rapaz sentiu-se encurralado porque não sabia que decisão tomar. Sentiu-se sem opções, sem alternativas, sem ter para onde ir e, assim, como algo que está preso em um curral.

No mesmo sentido, nenhum papel foi colocado dentro de uma gaveta na sentença em (52). Idéias foram expostas e não foram avaliadas positivamente, não foram aceitas. A recusa pelo supervisor significa algo como um engavetamento, um esquecimento ou desistência daqueles projetos.

Ainda, em (53), não há nenhum martelo presente na ação. A professora fala sempre a mesma história, repetidamente, assim como são repetidas as marteladas da atividade de martelar.

Para as sentenças em que a atividade expressa pelo verbo é da mesma natureza que em uma sentença de interpretação estrita (*martelar com o martelo, martelar com a picareta*), o modo se mantém e há uma relação metafórica entre os instrumentos, o canônico e o “alternativo”. Há duas maneiras de pensar a relação que existe entre esses instrumentos. A primeira é a de que martelo e picareta pertencem a uma categoria maior, a das ferramentas e, por isso, podemos usar tanto um quanto outro. A segunda nos diz que martelo e picareta compartilham de certas propriedades e, por isso, podem

ser tomados um pelo outro. A primeira explicação funciona bem quando estamos comparando martelo e picareta, mas não da conta de explicar uma sentença estranha como (54) e outra aparentemente bem interpretada como (55):

(54) (?) O Pedro martelou o prego com aquela pá.

(55) A menina martelou o prego que estava aparecendo com o salto do sapato.

O salto de um sapato não é uma ferramenta e não pertence à mesma classe que martelo, pelo menos no consenso da maioria das pessoas. Por outro lado, uma pá é uma ferramenta de jardinagem, mas não é instrumento facilmente usado para martelar. Qualquer objeto que compartilhe minimamente alguma característica com um martelo pode ser usado para martelar, se assim for requerido pelo contexto. Para explicar esses casos, precisamos lançar mão de um conceito mais geral que diz que:

“MARTELAR É BATER DE MANEIRA X COM UM OBJETO Y, COMPATÍVEL COM A ATIVIDADE DE MARTELAR”.

O objeto Y deve ser compatível com a atividade de martelar. Ser compatível pode significar ser usado em lugar de um martelo, e assim, ser parecido, fazer as vezes de um martelo. O mesmo pode ser aplicado para as sentenças retomadas abaixo:

(56) É feio, é horrível, é ridículo remar com o pé da frente.

“REMAR É MOVIMENTAR-SE DA MANEIRA X COM UM OBJETO Y, COMPATÍVEL COM A ATIVIDADE DE REMAR”

(57) Se não tiver jeito, guincho seu carro com minha caminhonete.

“GUINCHAR É PUXAR/ARRASTAR DA MANEIRA X COM UM OBJETO Y COMPATÍVEL COM A ATIVIDADE DE GUINCHAR”

(58) Você pode escovar os dentes do seu gato com o dedo para ele se acostumar.

“ESCOVAR É LIMPAR PELO MOVIMENTO X COM UM OBJETO Y COMPATÍVEL COM A ATIVIDADE DE ESCOVAR”

(59) Devemos pentear o cabelo com escova de cerdas macias naturais.

“PENTEAR É ARRUMAR PELO MOVIMENTO X COM UM OBJETO Y COMPATÍVEL COM A ATIVIDADE DE PENTEAR”

(60) Empacote as mercadorias com as caixas de papelão.

“EMPACOTAR É COLOCAR ALGUMA COISA NA DISPOSIÇÃO X COM UM OBJETO Y COMPATÍVEL COM A ATIVIDADE DE EMPACOTAR”

Nas sentenças em que os objetos compatíveis não são necessários, há processo mapeia a sentença metafórica em termos de um conceito mais geral. Vejamos a sentença (51), repetida abaixo. Nesse caso, a metáfora é mais abstrata e geral e poderia ser colocada nos seguintes termos:

(61) O rapaz foi encurralado pela situação.

“ENCURRALAR É PRENDER/DEIXAR SEM SAÍDA”.

Da mesma forma, haveria para as sentenças em (50) a (53), repetidas abaixo, conceitos mais gerais:

(62) Esses caminhões estão me encaixotando/Os motoristas estão me encaixotando
(com os caminhões)

“ENCAIXOTAR É PRENDER/LIMITAR O ESPAÇO”

(63) O supervisor engavetou os projetos dele, antes mesmo dele terminar de explicar
(com aqueles gritos).

“ENGAVETAR É ARQUIVAR/LIMITAR ACESSO”

(64) A professora vive martelando aquela história de passar no vestibular (com conversas tediosas).

“MARTELAR É REPETIR”

A partir dessas observações, parece adequado afirmar que não é só a intersecção de propriedades que determina se um termo pode ou não ser tomado como outro, mas uma estrutura conceitual ao redor dos termos.

Esses conceitos sugeridos relacionam-se com outros, e assim vão se estabelecendo conexões de sentido. Pode ser que o conceito por trás de “engavetar” não

seja necessariamente o sugerido acima, mas por meio dele pode-se chegar a algum outro conceito, interpretável a todos os falantes.

Esses verbos formados com circunstâncias de instrumentos, maneira e espaço delimitado parecem ter uma maneira de realização da ação que é extremamente importante na sua formação.

Comportamento frente aos testes estruturais

Os dados de VDs instrumentais mostram certa homogeneidade frente aos testes estruturais. Esses verbos, que apesar de não formarem sentenças perfeitas se descontextualizadas na alternância causativo-incoativa, permitem a formação de sentenças ótimas na alternância média. Têm formas perifrásticas prototípicas com verbos em *colocar x em* √ (*colocar o papel na gaveta*), *colocar* √ *em x* (*colocar sela no cavalo*) ou *fazer x ficar com y* (*fazer o cavalo ficar com a sela*) e em paráfrases de maneira. Além disso, podem possuir adjuntos cognatos e metafóricos. Quanto à sua formação, apresentam morfologia tanto sufixal quanto parassintética. Mostraremos os resultados a seguir:

Sentenças-base como exemplos

- (65) O funcionário engarrafou o vinho branco.
- (66) Eu martelei o prego.
- (67) O peão selou o cavalo.

Alternância Causativo-Incoativa

- (68) ?O vinho branco engarrafou.
- (69) ?O prego martelou
- (70) ?O cavalo selou.
- (71) *O quadro pregou.
- (72) *A reunião agendou.

Com exceção do dado com o verbo *pregar* e a *agendar*, não apresentado aqui, todas as sentenças são aceitáveis se houver um contexto bem definido.

Alternância Média

- (73) Vinho branco engarrafa bem.
- (74) Pregos de arame martela bem.
- (75) Cavalo manso sela rápido.

No caso de alternância Média, não é necessária nem ao menos a contextualização para os dados acima, com exceção das sentenças com o verbo agendar e agulhar.

- (76) *Dedo de costureira distraída agulha toda hora.
- (77) *Reunião urgente agenda rápido.

Expressões Perifrásticas

Encontramos três tipos de expressões perifrásticas com esses verbos:

Location

Com pôr/colocar X em \surd (\surd = núcleo nominal)

- (78) O funcionário pôs o vinho branco nas garrafas.

Locatum

Com colocar \surd em X ou fazer X ficar com \surd .

- (79) O peão colocou a sela no cavalo/O peão fez o cavalo ficar com a sela.

H&K afirmam que a paráfrase típica para verbos *locatum* do inglês é Fazer X ficar com \surd . Entretanto, em português, para os verbos *selar*, *pregar* e *enfeitiçar* a paráfrase formada por Colocar \surd em X é muito mais usual do que Fazer X ficar com \surd . Por exemplo, empiricamente, se um indivíduo quer perguntar se um cavalo está selado, a pergunta será “Você colocou a sela no cavalo” e não “Você fez o cavalo ficar com a sela”.

Contudo, a diferenciação entre os verbos do tipo *location* e *locatum* se torna clara quando observamos a posição da raiz formadora do VD na paráfrase. No verbo *location*, a raiz ocupa a posição de locativo e no verbo do tipo *locatum*, ocupa a posição de tema.

De maneira

- (80) Eu bati no prego com o martelo./Eu coloquei o prego martelando.
- (81) A costureira furou o dedo com a agulha./Eu machuquei o dedo agulhando.
- (82) Eu consertei o caderno com cola/Eu consertei o caderno colando.

Nesses VDs em que há maneira da ação, podemos ter um verbo mais amplo do que o VD e a aparição do instrumento em um sintagma preposicional. Esses verbos de maneira foram abordados por Harley (2003), mas a autora não chega a sugerir um tratamento concreto para esses dados.

Objetos Cognatos

- (83) ?O funcionário engarrafou dez garrafas de vinho⁹.
- (84) *Eu martelei o martelo no prego.
- (85) *O peão selou a sela no cavalo.
- (86) O marceneiro pregou um prego pequeno demais no quadro.

Como é possível notar nos dados acima, somente o verbo *pregar* forma uma sentença totalmente gramatical com objetos cognatos. Quanto às sentenças com *engarrafar* e *empacotar*, é necessário uma contextualização maior para que elas sejam aceitas. Como nenhum dos verbos acima apresenta uma estrutura de verbos inergativos, é esperado que não se realizem com objetos cognatos¹⁰. Por serem verbos transitivos e

⁹ Sentenças como “Ele engavetou uma gaveta de papéis” pode parecer inicialmente um caso de ocorrência de objetos cognatos. Contudo, essas sentenças têm um sentido muito específico, diferente daquele que ocorre em típicas sentenças com objetos cognatos, como em “Ela dançou uma dança engraçada”. Nessa última sentença, a “dança engraçada” é uma produção ou resultado do evento de dançar, ao passo que a “gaveta de papéis” ou a “pilha de papéis” em “ele engavetou uma gaveta de papéis” ou “ele empilhou uma pilha de papéis”, respectivamente, não é uma produção ou resultado do evento de empilhar, mas sim uma espécie de medida, podendo ser substituída, por exemplo, por “Ele empilhou uma caixa de papéis” ou “Ele engavetou um caminhão de papéis” no caso de *engavetar*.

¹⁰ Para um estudo detalhado sobre as estruturas com objetos cognatos, v. Leung, 2007.

já apresentarem um objeto realizado, na maioria dos casos, a ocorrência do objeto cognato não é permitida.

Adjuntos Cognatos

- (87) O funcionário engarrafou o vinho branco na garrafa de vidro.
- (88) Eu martelei o prego com o martelo grande.
- (89) O peão selou o cavalo com a sela nova.

Como o espaço delimitado (local) para a adjunção nas sentenças com verbos transitivos é opcional e está sempre disponível, é possível a realização de sintagmas preposicionais com substantivos cognatos aos formadores dos VDs. Como vimos, em momento anterior, esse tipo de realização cognata no adjunto é uma evidência da estreita relação entre substantivo e verbo nas sentenças desse tipo, de (87) a (89).

Adjuntos Metafóricos

- (90) O funcionário engarrafou o vinho branco nos galões errados.
- (91) Eu martelei o prego com a sola do sapato.
- (92) O peão selou o cavalo com um pedaço de couro velho.

Novamente, como já visto, a realização de adjuntos semanticamente relacionados aos substantivos é possível se substantivos do sintagma preposicional que, apesar de não serem cognatos, compartilham propriedades semânticas com os substantivos formadores dos VDs. Esse teste revela um tipo de uso do VD um pouco diferente daquele utilizado em uma interpretação canônica.

A hipótese levantada neste momento é a de que os verbos das sentenças desse tipo talvez não precisem ser formados a partir de um substantivo, mas de uma raiz, como anteriormente dito sobre os verbos de NR.

ii. Duas interpretações com substantivos concretos

Os outros verbos que apresentam uma dupla interpretação são todos formados por substantivos concretos. Não houve ocorrência de RDI com substantivos abstratos.

Vejamos os dados abaixo com os verbos *apontar* (*ponta*), *traçar* (*traço*). É interessante observar que esses dois verbos são verbos de criação em sua leitura estrita.

(93) O aluno apontou o lápis.

Expressão perifrástica: O aluno (re)fez a ponta do lápis.

(94) A comissão apontou falhas no projeto.

Expressão perifrástica: A comissão indicou falhas no projeto.

(95) O desenhista traçou o desenho no papel.

Expressão perifrástica: O desenhista fez traços do desenho no papel.

(96) O técnico traçou a estratégia.

Expressão perifrástica: O técnico fez o plano de estratégia.

Comportamento frente aos testes estruturais

Considerem-se como sentenças-base as imediatamente acima.

Alternância Causativo-incoativa

(97) *O lápis apontou.

(98) *As falhas apontaram.

(99) *O desenho traçou no papel.

(100) *A estratégia traçou.

Alternância Média

(101) Lápis bom aponta fácil.

(102) *Falhas grotescas apontam fácil.

(103) Desenho simples traça rápido.

(104) *Estratégia simples traça rápido.

Expressões perifrásticas

(105) O menino (re)fez a ponta do lápis.

(106) *A comissão fez as pontas das falhas.

(107) O desenhista fez os traços do desenho no papel.

(108) *O técnico fez os traços da estratégia.

Objetos cognatos

(109) O menino apontou a ponta (quebrada) do lápis.

(110) *A comissão apontou a ponta das falhas.

(111) O desenhista traçou traços fortes no papel.

(112) *O técnico traçou traços da estratégia.

Adjuntos Cognatos

(113) O menino apontou o lápis com uma ponta exagerada.

(114) *A comissão apontou as falhas com uma ponta exagerada.

(115) O desenhista traçou o desenho no papel com traços fortes.

(116) *O técnico traçou a estratégia com traços precisos.

Adjuntos Metafóricos

(117) O menino apontou o lápis com (que resultou em) um bico exagerado.

(118) *A comissão apontou as falhas com um bico exagerado.

(119) O desenhista traçou o desenho no papel com riscos fortes.

(120) *O técnico traçou a estratégia com riscos precisos.

Os testes realizados corroboram de forma muito interessante a distinção entre os dois tipos de interpretação dos verbos *apontar* e *traçar*. Na interpretação em que a relação semântica com o verbo se mantém, como em (93) e (95), podemos ter alternância média, expressões perifrásticas, objetos e adjuntos cognatos com o substantivo formador e adjuntos metafóricos com substantivos semanticamente compatíveis com o substantivo formador. Na acepção em que o uso desses verbos é metafórico, temos sentenças agramaticais em todos esses testes.

O comportamento sintático oposto entre o que seria, em princípio, o mesmo verbo, indica que há diferenças não somente de interpretação nesses dados, mas há também diferenças estruturais. Mais uma vez, observa-se que a formação de *traçar* e

apontar pode ser feita de duas formas: com a derivação a partir do substantivo e com a derivação a partir da raiz. Quando a formação do verbo contém o substantivo, ele se comporta bem frente aos testes de identificação de VDs, mas quando não há nível nominal na estrutura, ele se comporta mal.

Conclusões sobre os verbos com DI

Os verbos com RDI parecem conter subclasses. São elas:

RDI com Circunstâncias de instrumento, maneira e espaço delimitado:

a. Em uma interpretação, parece haver um estágio nominal com o substantivo cognato ao verbo. (*Ex. martelar com o martelo*).

b. Em outra interpretação, também há um estágio nominal, mas que não contém na interpretação o substantivo cognato, somente a maneira da ação. (*Ex. martelar com a picareta*).

c. Ainda, em uma última interpretação, parece haver uma metáfora completa, em que o substantivo formador pode ser eliminado totalmente, mas não a maneira da ação. (*Ex. Martelar alguém com uma conversa*).

RDI com Substantivos concretos

Há dois casos nesse grupo: *apontar* e *traçar*. Nesses casos, observamos duas formações possíveis, uma com a presença do substantivo formador e outra com sua ausência. Os testes estruturais, que mostram resultados opostos para as duas interpretações, indicam que deve haver estruturas diferentes para elas.

3.2.2. RELAÇÃO PRESENTE (R)

A maioria dos verbos analisados em nossa amostra mantém uma relação forte de sentido com o substantivo formador e, por isso, receberam a sigla **R** para Relação Presente. Nesses casos, diferentemente dos verbos de RDI, há somente uma possibilidade de interpretação, aquela em que o substantivo deve se interpretado no evento.

Apesar de colocarmos esses dados em um mesmo grupo em um primeiro momento, nota-se que há graus de variação na intensidade e no tipo de relação semântica que esses verbos mantêm com seus substantivos, assim a interpretação do grupo não é totalmente homogênea. Ainda, esse grande grupo também não é totalmente homogêneo no aspecto estrutural, o que é revelado pelos testes. Compõem o grupo os verbos *estudar, enfrentar, analisar, complementar, acreditar, causar, aproveitar, desejar, assustar, beneficiar, praticar, faltar, criticar, relatar, gerenciar, resgatar, subsidiar, processar, valorizar, arriscar, forçar, pesquisar, economizar, interessar, ingressar, programar, influenciar, somar, concentrar, apostar, sinalizar, suplementar, almoçar, evidenciar, amanhecer, capturar, movimentar, incrementar, providenciar, favorecer, focar, regulamentar, estrear, basear, abraçar, liderar, memorizar, privilegiar, auxiliar, depositar, acostumar, cruzar, alimentar, testar, cristalizar, encarar, caminhar, agrupar, misturar, armazenar, rastrear, modelar, cadastrar, registrar, marcar, sediar, copiar.*

Dos 67 verbos considerados como R, somente 17 são formados por substantivos ditos aqui como concretos e 50 são formados por um substantivo abstrato.

Como nesse grupo há um número maior de verbos, mostraremos os resultados dos testes por meio de todos os dados somente quando necessário.

Comportamento frente aos testes estruturais

Alternância Causativo-Incoativa

A maioria dos dados desse grupo falha em participar da alternância causativo-incoativa. Isso significa que não há uma mudança de estado, típica dos verbos deadjetivais, por exemplo, incorporada a eles.

(121) *A oportunidade aproveitou.

(122) *A situação enfrentou.

Entretanto, com uma minoria de verbos, como *assustar, misturar*, há a possibilidade de alternância:

(123) Os ingredientes misturaram.

A explicação para a alternância desse verbo da sentença em e (123) está no fato de que há mudança de estado nessa ação, mudanças de estado que afetam o objeto do verbo. Isso pode indicar que temos aqui estruturas denominais em que há mudança de estado. O que ocorre nesses casos é que o objeto passa a adquirir uma propriedade introduzida pelo substantivo. Em *cristalizar*, por exemplo, o açúcar passa a ter características de cristal, não a ser cristal:

(124) O açúcar cristalizou.

A ocorrência de passivas adjetivais com os dados que apresentam alternância causativo-incoativa indicam a relação de afetação do objeto como uma espécie de resultado que altera o tema:

(125) Os ingredientes estão/ficaram misturados.

(126) O açúcar está/ficou cristalizado.

Ao passo que os dados que não alternam, apesar de não formarem passivas adjetivais, podem formar passivas verbais. Vejamos algumas das sentenças. O mesmo se dá com todo o grupo não-alternante¹¹.

(127) A oportunidade foi/*está aproveitada (por x).

(128) A situação foi/*está enfrentada (por x).

Alternância Média

Nos testes de alternância Média, o número de verbos que falha em participar diminui. No entanto, ainda são a maioria.

(129) *Oportunidades como essa aproveitam logo.

(130) *Situações de pavor enfrentam dificilmente.

¹¹ A distinção talvez se deva ao fato de que verbos como *misturar* e *cristalizar* têm formas intransitivas, que são a contraparte inacusativa da alternância e, a partir delas, podem-se formar passivas adjetivais. Por outro lado, verbos como *aproveitar* e *enfrentar* só podem ter a passiva formada a partir de sua versão transitiva, que só permite a formação da passiva verbal.

Conseqüentemente, o número de dados que participa da alternância média, aumenta, em relação aos que participam da alternância causativo-incoativa.

(131) Ingredientes naturais misturam fácil.

(132) Roupa de seda marca fácil.

Expressões Perifrásticas

As expressões perifrásticas típicas encontradas são essas:

Fazer + substantivo

A expressão perifrástica com fazer e o substantivo formador parece ser de dois tipos. Uma em que a leitura é exatamente correlata a do verbo e outra que parece ser um pouco diferente.

O verbo estudar pode ter uma perífrase com fazer um estudo, mas as sentenças imediatamente abaixo não parecem ter o mesmo sentido:

(133) Eu estudei Matemática

(134) Eu fiz um estudo de Matemática.

Quando alguém estuda matemática, não necessariamente produz um estudo de matemática. Entretanto, em outros casos, a expressão parece ter o mesmo sentido, vejamos:

(135) O laboratório testou os medicamentos em ratos.

(136) Os laboratórios fizeram testes com os medicamentos em ratos.

(137) O político favoreceu os parentes.

(138) O político fez favores a seus parentes.

(139) A fábrica cristalizou o açúcar.

(140) A fábrica fez o açúcar ficar como cristal.

Dar + substantivo (Dar um crédito = acreditar);

(141) Eu acreditei no sujeito.

(142) Eu dei um crédito ao sujeito.

- (143) Modelo econômico beneficiou os mais pobres.
(144) Modelo econômico deu benefícios aos mais pobres.

Tirar + substantivo

- (145) O rapaz aproveitou a oportunidade.
(146) O rapaz tirou proveito da oportunidade.

Colocar + substantivo (colocar sinal = sinalizar)

- (147) O policial sinalizou o esconderijo das drogas.
(148) O policial colocou sinais no esconderijo das drogas.
(149) O professor focou em gramática nas aulas.
(150) O professor pôs/colocou foco em gramática nas aulas.

Tornar + substantivo

- (151) (O sol) amanheceu o dia rapidamente.
(152) O dia tornou-se manhã rapidamente.

Encontrar + substantivo (somente 1 caso)

- (153) A comissão rastreou contas ilegais.
(154) A comissão encontrou rastros de contas ilegais.

Tomar + substantivo (somente 1 caso)

- (155) Ana providenciou o jantar.
(156) Ana tomou providências para o jantar.

Adquirir + substantivo (somente 1 caso)

- (157) O bebê (se) acostumou a dormir sem os pais.
(158) O bebê adquiriu o costume de dormir sem os pais.

Ser + substantivo (somente 1 caso)

- (159) O presidente liderou a comissão.
(160) O presidente foi o líder da comissão.

Objetos Cognatos

Há três tipos de comportamento dos verbos frente a esse teste.

De leitura não relevante (#):

(161) #Eu estudei um estudo sobre a vida marinha.#Eu estudei um estudo de matemática.

(162) #Os laboratórios testaram um teste novo nos ratos.

Agramaticais:

(163) *Eu acreditei um crédito enorme nele.

(164) *Os meninos enfrentaram uma frente corajosa.

Gramaticais

(165) Amanheceu uma linda manhã.

(166) A cozinheira misturou uma mistura estranha de ingredientes.

Adjuntos Cognatos

A grande maioria das sentenças apresenta gramaticalidade com adjuntos cognatos. No entanto, não são todos:

Agramaticais:

(167) *Eu acreditei nele com um crédito sem tamanho.

(168) *O bebê acostumou a dormir sem os pais com um costume recente.

(169) *O candidato concentrou a maioria dos votos com um centro absoluto.

Duvidosos

(170) ?O rapaz aproveitou a oportunidade com proveito.

(171) ?O bando causou a briga com uma causa estúpida.

Gramaticais

(172) A cozinheira misturou os ingredientes com uma mistura estranha.

(173) A instituição pesquisou os voluntários com pesquisas longas e enfadonhas.

Adjuntos Metafóricos

Agramaticais

- (174) *Ela cruzou os braços com uma posição apertada.
(175) *O bebê acostুমou a dormir sem os pais com um hábito recente.

Duvidosos

- (176) ?O rapaz aproveitou a oportunidade com serventia.
(177) ?O exército enfrentou a situação com uma armada forte.

Gramaticais

- (178) A cozinheira misturou os ingredientes com uma combinação estranha.
(179) O dia amanheceu com uma linda alvorada.

Conclusões sobre os verbos do tipo R

Como temos nesse grupo uma grande quantidade de dados, tentaremos generalizar os resultados o máximo possível com o objetivo de encontrar um comportamento típico desses verbos.

Nota-se que um grupo (por exemplo, *aproveitar*), não participa de Alternância Causativo-Incoativa e também não permitem Alternância Média em nenhum contexto. Esses mesmos verbos têm na sua maioria formas perifrásticas com o verbo *fazer* + *substantivo* e *dar* + *substantivo*. Não possuem objetos cognatos e ficam estranhos ou ruins com adjuntos cognatos e adjuntos metafóricos.

Em outro grupo, os verbos permitem ambas as alternâncias, causativo-incoativa e média, possuem tanto objetos cognatos quanto adjuntos cognatos e metafóricos (por exemplo, *misturar*). Esses verbos têm expressões perifrásticas que levam a uma interpretação de mudança de estado, como nos verbos deadjetivais.

Novamente, é importante lembrar que a realização dos testes com todos esses verbos é necessária por dois motivos: para que saibamos se existe ou não uma etapa nominal em suas estruturas e para saber de que tipo são essas estruturas. Neste trabalho focamos o primeiro motivo.

4. CONCLUSÃO

A observação dos dados de VDs em uma perspectiva sincrônica nos levou a concluir que existem diferenças no modo como o significado do substantivo se reflete nas sentenças formadas com VDs. Embora possa parecer evidente que o significado substantivo formador é presente no verbo resultante, observou-se por meio deste trabalho, que esse fato nem sempre se verifica.

Observamos que há um primeiro grupo em que é possível atribuir duas interpretações às sentenças, uma em que o verbo mantém relação semântica com o substantivo e outra em que o verbo parece ter perdido essa relação. Percebe-se também uma subdivisão em relação aos tipos de substantivos que formam esses verbos do primeiro grupo. Há substantivos que expressam circunstâncias de instrumento, maneira ou espaço delimitado (*martelar, engarrafar, selar*, entre outros) e há outros substantivos, que apesar de também serem concretos, não expressam essas circunstâncias (*apontar, traçar*).

Em outro grupo, os verbos parecem já não manter mais relação com o substantivo formador. Temos nesse grupo verbos formados de substantivos concretos (*desfrutar<fruto, brincar<brinco*) e abstratos (*arrumar<rumo*).

Por fim, há um grupo maior de verbos que parece ainda manter relação com o substantivo formador e apresentam somente essa interpretação (*enfrentar, aproveitar, misturar*).

No momento, não sugeriremos análises formais para os fatos descritos. No entanto, sabemos que uma alternativa interessante é apresentada no modelo da morfologia Distribuída (Hale & Marantz, 1993), um dos desenvolvimentos da Teoria Gerativa. Nesse modelo, há propostas interessantes para diferenciar estruturalmente tipos de formação de palavras (Marantz, 2001; Arad, 2003; Marantz, a sair). É possível reconhecer sincronicamente palavras deadjetivais, denominais e deverbais e distingui-las de palavras formadas diretamente de uma raiz sem categoria. Ainda, a noção de fases na formação da palavra é importante para entender como são atribuídos os significados às mesmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAD, Maya. Locality Constraints on the Interpretation of Roots: the Case of Hebrew Denominal Verbs. *Natural Language and Linguistics Theory* 21, 737-778, 2003.
2. BASSANI, Indaiá de Santana. *Formação e Interpretação dos Verbos Denominais do português do Brasil*. Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado (em andamento).
3. BOWERS, Jonh. Transitivity. *Linguistic Inquiry* 33. 2: 183-224, 2002.
4. BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
5. HALE, Ken & Samuel Jay Keyser. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. MIT Press, 2002.
6. HALLE, Morris & Alec Marantz. Distributed morphology and the pieces of inflection. *The View from Building 20*, edited by K. Hale & S.J. Keyser, 111–176. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1993.
7. HARLEY, Heidi. How do verbs get their names? Denominal verbs, Manner Incorporation, and the ontology of verb roots in English, Paper version of a 2001 To appear in a 2005 OUP volume of the same name edited by Tova Rapoport and Nomi Shir, 2003.
8. KATO, Mary Aizawa. Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter. *PROBUS*. 11, p. 1-37, 1999.
9. KATO, Mary Aizawa. The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese. In: M.A. Kato & E.V. Negrão (eds). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Vervuert-Iberoamericana, 2000.
10. LAKOFF, George & Mark Jonhson. *Metaphors we live by*. The Universtity of Chicago Press, Chicago and London, 1980.
11. LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. What categories reveal about the mind. The Universtity of Chicago Press, Chicago and London, 1987.
12. LEUNG, Renata. *Um estudo sobre os adjetivos adverbiais e os objetos cognatos no português do Brasil*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São, 2007.
13. MARANTZ, Alec. Words. WCCFL XX Handout, USC, February, 2001.

14. MARANTZ, Alec. *Phases and Words*. New York University, a sair.

RESUMO: Em geral, quando um verbo é formado a partir de um substantivo, assume-se que o significado desse substantivo continua disponível na interpretação do verbo formado. Entretanto, não é o que se verifica quando analisamos uma amostra de verbos denominais em seu uso sincrônico. No presente trabalho, constatamos que os verbos denominais mantêm diferentes relações com os substantivos que os formaram, ou seja, não são uma classe homogênea. Por meio da identificação da estrutura argumental do verbo e da identificação de suas partes morfológicas, em que há um substantivo presente, pudemos verificar se há, para o falante, uma ligação entre o significado do substantivo e o do verbo denominal. Concluímos que uma parte desses verbos ainda mantêm uma relação forte com o substantivo que o formou. Outros, ainda, podem ter duas interpretações, uma em que mantêm a relação de significado com o substantivo formador e outra em que essa relação não mais existe. Por fim, uma parte dos verbos não apresenta mais relação de significado com o substantivo formador na sincronia. No presente trabalho, de natureza descritiva, não sugeriremos análises formais para os fatos verificados. No entanto, sabemos que uma alternativa interessante é apresentada no modelo da Morfologia Distribuída (Hale & Marantz, 1993), um dos desenvolvimentos da Teoria Gerativa. Nesse modelo, há propostas interessantes para diferenciar estruturalmente tipos de formação de palavras (Marantz, 2001; Arad, 2003; Marantz, a sair) . É possível reconhecer sincronicamente palavras deadjetivais, denominais e deverbais e distingui-las de palavras formadas diretamente de uma raiz sem categoria.

PALAVRAS-CHAVE: Morfossintaxe; Semântica, Verbos Denominais; Derivação Sincrônica.

ABSTRACT: In general, when a verb is noun-derived, it is assumed that the meaning of the noun is available in the interpretation of the derived verb. However, it is not what occurs when we analyze a sample of denominal verbs in their synchronic use. In this study, we found that denominal verbs maintain different types of relations with the nouns that have derived them, in other words, they do not constitute a homogenous class. By identifying the argumental structure of the verbs and identifying their morphological pieces, in which there is a noun, we could check if there is, to the speaker, a relation between the meaning of the noun and the meaning of the verb. We conclude that some of these verbs maintain a strong relationship with the noun. Others may have two interpretations, one that maintains the relationship of meaning with the noun and another in which this relationship no longer exists. Finally, part of the verbs does not show any connection of meaning with the noun in the synchrony. In this study, descriptive in nature, we do not suggest formal analysis to the facts verified. However, we know that an interesting alternative is presented in the model of Distributed Morphology (Hale & Marantz, 1993), one of the developments of the Generative Theory. In this model, there are interesting proposals to distinguish types of structural formation of words (Marantz, 2001; Arad, 2003; Marantz, to leave). It is possible to recognize, synchronically, deadjectival, denominal and deverbal words from words derived directly from a root without category.

KEYWORDS: Morphosyntax; Semantics, Denominal Verbs; Synchronic Derivation.

Recebido no dia 05 de dezembro de 2008.

Aceito para publicação no dia 27 de fevereiro de 2009.